

Um panorama sobre a Historiografia Islâmica na Idade Média: um diálogo necessário

Elaine Cristina Senko¹

Resumo: Neste artigo temos a intenção de demonstrar um panorama sobre a historiografia islâmica na Idade Média. Destarte, a escrita da História no Islã possui duas divisões primordiais, a época formativa e a época clássica. Acreditamos ser inovadora essa nossa explanação, pois a escrita da História no medievo latino também foi feita por meio dos diálogos e interações com as outras religiões, como em nosso caso a islâmica. Dessa forma, nosso trabalho busca esclarecer mais uma vertente de inteligibilidade do sentido de História na Idade Média.

Palavras-chave: historiografia islâmica; medievo islâmico; islã da época formativa; islã clássico; historiadores islâmicos.

Para pesquisar sobre a historiografia islâmica consultamos a opinião de Ibn Khaldun descrita em sua *Muqaddimah* sobre alguns historiadores aos quais ele teve acesso², a importante obra de Chase F. Robinson *Islamic Historiography*³, o esclarecedor artigo de Diego Melo Carrasco *Una aproximación al mundo de Ibn Jaldún: Precursor*

¹ Doutora em História UFPR.

² KHALDUN, Ibn. **Muqaddimah – Os Prolegômenos (tomo I)**. Tradução integral e direta da língua árabe para a portuguesa por José Khoury e Angelina Bierrenbach Khoury. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, 1958, p. 6-11.

³ ROBINSON, Chase F. **Islamic Historiography**. Londres: Cambridge University Press, 2003.

*medieval de la Historia de las civilizaciones*⁴, a enciclopédia *Medieval Islamic Civilization*⁵ e fontes islâmicas que se mostraram muito elucidativas. Apresentaremos neste artigo duas etapas da produção da História no Islã: a época formativa e a época clássica.

De uma história oral fomentada pela literatura pré-islâmica e pelas recitações do *Alcorão* passou-se a uma história escrita (*tarij*); esta foi a *época formativa da História no Islã*. Essa transformação ocorreu a partir da organização dos governos islâmicos logo após a morte do Profeta Muhammad, em 632, e a formação do governo dos primeiros califas (*rashiduns*), visando regular suas leis e também por uma necessidade propedêutica: guardar as palavras do *Alcorão* e ensinar melhor as palavras do Livro Sagrado. Nesse sentido se desenvolveu ainda mais a produção das *ahadiths* (histórias sobre os costumes e ações do Profeta Muhammad (c. 570-632), comprovadas como autênticas pela tradição formada por uma cadeia de transmissores de moral íntegra, a *isnad*), das *siras* (histórias não comprovadas totalmente pela tradição), dos relatos (*ajbar*) baseados em vestígios (*atar*) e o surgimento das primeiras biografias do Profeta Muhammad e das escritas genealógicas.

⁴ MELO CARRASCO, Diego. Una aproximación al mundo de Ibn Jaldún: Precursor medieval de la Historia de las civilizaciones. In: MARTOS QUESADA, Juan; GARROT GARROT, José Luis. **Miradas españolas sobre Ibn Jaldún**. 2008. p. 138-139.

⁵ MERI, Josef W. (Ed.). **Medieval Islamic Civilization – an Encyclopedia**. New York/London: Routledge, 2006.

Assim havia uma tradição de escrita biográfica, sendo a mais antiga a obra elaborada pelo medinense Muhammad Ibn Ishac (704-767) sobre o Profeta Muhammad: *Kitab al-Maghazi (Livro das Campanhas Militares do Profeta)*. O que hoje conhecemos desta escrita de Ibn Ishac é através da obra feita pelo sunita Abd al-Malik Ibn Hisham (m. c. 833) *Al-Sira al-Nabawiyya (A Vida do Profeta)* e que esta iniciou o gênero narrativo *Sira*. Ibn Hisham consultou o registro de um dos discípulos de Ibn Ishaq, al-Bakka'i (m. 799). Ibn Hisham alterou a estrutura original da obra de Ibn Ishac, pois na nova versão o autor reduziu o tamanho do trabalho, deixou de fora a história bíblica de Adão a Abraão e a descendência de Ismael até Muhammad e alguns poemas livres. O trabalho original de Ibn Ishac era dividido em três partes: 1. do período pré-islâmico perpassando o advento de Jesus e chegando até o período inicial da vida de Muhammad em Meca; 2. das atividades de Muhammad em Meca; 3. acerca das campanhas militares em Medina. Segundo Claude Gilliot, a obra de Ibn Ishac foi divulgada não de uma só vez, mas dividida em partes, e por isso sua obra foi reunida posteriormente⁶. Essa intenção educativa religiosa permaneceu entre os omayyas de Damasco e aprimorou-se com a dinastia abássida.

Ainda no período formativo citemos o historiador sunita de Kufa, Ibn Al-Kalbi (m. 821) e suas obras *Livro das Genealogias* e o

⁶ GILLIOT, Claude. Ibn Ishaq. MERI, Josef W. (Ed.). **Medieval Islamic Civilization – an Encyclopedia**. New York/London: Routledge, 2006, p. 357-358.

*Kitab Al-Asnam (Livro dos ídolos)*⁷. As iniciais crônicas começavam suas narrativas com a Criação, relatam os tempos pré-islâmicos, chegam até o advento do islamismo e continuam relatando sobre os homens de poder de uma determinada dinastia. Ou seja, as primeiras crônicas começaram com a pretensão de uma história universal e terminam por se limitar, geralmente, a recolher informações de uma determinada época ou dinastia. Também o cádi sunita de Bagdá Muhammad Ibn Omar Al-Uáqidi (747-823), por exemplo, compôs uma escrita sobre as conquistas islâmicas desde o surgimento da instituição do califado, assim esboçando uma narrativa cronística resultando na obra *Kitab al-Tarikh wa'l Maghazi (Livro da História e Batalhas)*. Já Saif Ibn Omar Al-Açadi, no século IX, citado muitas vezes pelo historiador Al-Tabari, compôs uma obra sobre a conquista dos primeiros muçulmanos, uma outra obra intitulada *História das Revoltas e Apostasias* e mais uma obra, *História da Batalha do Camelo*⁸. Ao mesmo tempo, no Egito, o historiador sunita Ibn Al-Hakam (798-871) produzia também a história de um acontecimento: *História da conquista de Al-Andaluz*⁹. Al-Hakam

⁷ Conferir em <http://www.answering-islam.org/Books/Al-Kalbi/> (Acesso em 22/07/2011). Lembremos que muitos dos escritos de Ibn Al-Kalbi estão presentes no *Kitab Al-Agani*.

⁸ Nota 11 dos tradutores José Khoury e Angelina B. Khoury em: KHALDUN, Ibn. **Muqaddimah – Os Prolegômenos (tomo I)**. Tradução integral e direta da língua árabe para a portuguesa por José Khoury e Angelina Bierrenbach Khoury. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, 1958, p. 7.

⁹ AL-HAKAM, Ibn. **History of the conquest of Spain**. Tradução da língua árabe por John Harris Jones (edição bilíngüe). London: Williams & Norgate, 1858. O referido

desejava buscar os fatos militares e políticos partindo da particularidade para alcançar um aspecto mais abrangente do evento narrado. Já no ambiente andaluz, destacamos o historiador omaya Ibn Hayan (987-1076) como um dos exemplos de cronistas de dinastias com suas obras *Moctabas fi Tarikh al-Andalus* e mais uma crônica chamada *Matín*¹⁰.

As mais conhecidas crônicas do Islã da época formativa são de autoria de Al-Tabari (839-923), historiador de origem persa, que muito cedo, com sete anos de idade, já aprendera as lições corânicas; quando adulto, por volta de 856, ficou em Bagdá por dois anos fazendo novos estudos na *Casa da Sabedoria*, e depois de muito tempo, já em 870, retorna a esse local como mestre. As especialidades temáticas do historiador Al-Tabari eram: teologia, história e comentários corânicos. As duas obras mais conhecidas de Al-Tabari são: *História dos Profetas e dos Reis* e a obra *Comentário sobre o Alcorão (Tafsir)*¹¹. Nessa mesma época, o historiador Al-Yaqubi (m. 971) tinha a pretensão de organizar de modo objetivo as tradições e os fatos escritos pelos antigos escritores islâmicos.

historiador obteve tal documento através da transcrição feita por seu Professor Ewald em 1829.

¹⁰ Nota 14 dos tradutores José Khoury e Angelina B. Khoury em: KHALDUN, Ibn. **Muqaddimah – Os Prolegômenos (tomo I)**. Tradução integral e direta da língua árabe para a portuguesa por José Khoury e Angelina Bierrenbach Khoury. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, 1958, p. 9.

¹¹ JUDD, Steven C. Al-Tabari. In: MERI, Josef W. (Ed.). **Medieval Islamic Civilization – an Encyclopedia**. *op. cit.*, 2006, p. 791-792.

Um modelo de escrita sob a forma de recolhimento de dados que mistura o inicial modelo de escrita cronística com a genealogia e a biografia é a produção de Ibn Al-Nadim (m. 998) em seu *Al-Fihrist (Index)*. Neste livro Al-Nadim recolheu toda uma bibliografia islâmica anterior ao século X, tendo em vista que muitas obras estavam sendo destruídas pelo tempo e pela alteração dos copistas. Neste trabalho, que possui dez capítulos, é interessante observar as temáticas escolhidas e empregadas: as lições corânicas; a gramática da linguagem árabe; a genealogia dos escritores anteriores ao autor, incluindo historiadores; os poetas e suas poesias do período pré-islâmico; os homens de poder das dinastias dos omayyas (661-750) e dos abássidas (750-); as teologias islâmicas (a cética e a mística); aspectos da jurisprudência; considerações sobre o conhecimento advindo das leituras e traduções dos clássicos da Antiguidade; as formas de arte (contadores de estórias, atores de rua e mágicos); sobre os povos de sua época não islâmicos e, ao final da obra, um estudo sobre a Alquimia. Essa descrição geral dos capítulos demonstra a organização da escrita do modelo de Bagdá, local de florescimento de uma nova e pujante intelectualidade.

Por volta desse século X conhecemos a *época clássica da escrita da História no Islã*, em que se aperfeiçoam as biografias, se instiga uma busca pela ordem cronológica e se rastreiam as dinastias

dos poderosos¹². No entanto, sabemos que os historiadores islâmicos não se especializavam em um tipo apenas de gênero e sim escreviam ao mesmo tempo, e às vezes até misturando as três categorias de narrativas referidas. Vamos demonstrar a prevalência de um dos três gêneros em alguns historiadores, mas tendo a consciência da inteligibilidade de todas para o escritor. Nessa segunda etapa ganham espaço as histórias autenticadas fundamentalmente pela *isnad*.

No Islã os fatos históricos eram entendidos como resultados de leis, estas dirigidas por Allah¹³. Os homens deveriam seguir a esquemática proposta por Deus dentro de um pensamento escatológico providencialista. A escrita da História no Islã do período clássico girava em torno de três categorias: a biografia, a crônica (de caráter universal) e a genealogia (estudos sobre um grupo, no qual se destacam algumas individualidades)¹⁴. No entanto, além delas havia a preocupação em se estudar a geografia, sobre as escolas jurídicas e filosóficas, acerca da exegese corânica, as regras oriundas da jurisprudência; compreender a burocracia islâmica e a arte da literatura (pré-islâmica e islâmica).

¹² MELO CARRASCO, Diego. Una aproximación al mundo de Ibn Jaldún: Precursor medieval de la Historia de las civilizaciones. In: MARTOS QUESADA, Juan; GARROT GARROT, José Luis. **Miradas españolas sobre Ibn Jaldún**. *op. cit.*, 2008, p. 138-139.

¹³ Entendimento de M. Behesti, citado por Diego Melo Carrasco. In: MELO CARRASCO, Diego. Una aproximación al mundo de Ibn Jaldún: Precursor medieval de la Historia de las civilizaciones. In: MARTOS QUESADA, Juan; GARROT GARROT, José Luis. **Miradas españolas sobre Ibn Jaldún**. Madrid: Ibersaf, 2008, p. 138.

¹⁴ ROBINSON, Chase F. **Islamic Historiography**. Londres: Cambridge University Press, 2003, p. 55.

Chase F. Robinson nos chama a atenção para a formação do historiador islâmico, a qual aponta para vários aprendizados simultâneos¹⁵.

É interessante observar a existência de uma literatura de viagem, *Rhila*, que compunha um estilo narrativo histórico, representada especialmente, como vimos na citação de Melo Carrasco, pelo andaluz Ibn Yubair (1145-1217) e pelo berbere de Tanger, Ibn Batuta (1304-1377). Ressaltamos que a escrita de estilo *autobiográfico* tem uma ligação com esses homens que viajam intensamente, como é o caso de Ibn Batuta e Ibn Khaldun: ambos escreveram seus relatos de si e dos caminhos percorridos em vida.

Já o cronista Al-Maçudi (871-956) nasceu em Bagdá e morreu em Fustat, no Egito. Além de historiador, foi viajante e geógrafo, tendo escrito em Basra a obra *Muruj adh-dhahab wa ma'ādin al-jawahir (Os prados de ouro e as minas de pedras preciosas)*. A estrutura da obra de Maçudi, *Muruj adh-dhahab wa ma'ādin al-jawahir*, inicia-se com um levantamento dos historiadores e cronistas conhecidos pelo autor. Depois ele passa para a narrativa hebraica da criação do mundo e de seus principais governantes, tais como Salomão e David. Nesse ínterim, relata a história da fundação do islamismo com o Profeta Muhammad. Em seguida, Maçudi passa a analisar a história da Índia, a fazer estudos geográficos e climáticos sobre o mar Mediterrâneo, o litoral de Constantinopla e o mar Cáspio. Além disso, Maçudi relata a história de

¹⁵ ROBINSON, Chase F. **Islamic Historiography**. Londres: Cambridge University Press, 2003, p. 59.

vários povos: dos chineses, turcos, sírios, persas, gregos, romanos, bizantinos, egípcios, eslavos, francos, andaluzes, lombardos e dos curdos. Maçudi também faz uma análise sobre as arquiteturas dos indianos, gregos, romanos, eslavos e dos sabeus de Harran. Na continuidade, existe um aprofundamento da biografia do Profeta Muhammad, um levantamento dos califas até a época do próprio Maçudi e sobre suas viagens por Síria, Palestina, Pérsia, Armênia, Mar Cáspio, Índia, Ceilão, Omã, o mar da China, África do Leste até Madagascar. Maçudi também entrou em contato com as religiões judaica, cristã, hindu e zoroastriana. Ele produziu principalmente obras de modelo cronístico enciclopédico e se interessava pela filosofia clássica, a poesia, a controvérsia, o comércio, a navegação e a história natural. Outras obras escritas por Maçudi foram: *Akhbar az-zaman* (*A História do Tempo*) e o *Kitab at-tanbih wa al-ishraf* (*O Livro das Advertências*)¹⁶.

¹⁶ Al-Maçudi tinha consciência da prática histórica que possuía diversas versões: “Um dos recursos dessa prática, fundamental na recolha dos relatos dos *hadites* do profeta Maomé, era o *isnad*, que consistia no encadeamento de testemunhos que efetuavam uma regressão temporal linear – ‘ouvi de fulano, que ouviu de beltrano, que ouviu de sicrano, que ouviu de alano etc’. Eventualmente, os historiadores muçulmanos utilizam, além do princípio de regressão temporal, o da dispersão geográfica (...). Ao lado disso, outro recurso, mais comum nas obras de *adab* (decoro), é a citação de fonte escrita precedida da fórmula ‘li (ou fulano disse ter lido) em certo livro da Pérsia (ou da Índia, ou da Grécia) etc’”. In: JAROUCHE, Mamede Mustafa. Uma poética em ruínas. *op. cit.*, 2006, p. 17-18. Temos acesso à obra de Al-Maçudi *Os prados de ouro e as minas de pedras preciosas*: a Societé Asiatique publicou de 1861 a 1877 o *Murūj adh-dhahab wa ma ‘ādin al-jawāhir* nas línguas árabe e francesa, sob a coordenação e tradução de Charles Barbier de Meynard (1826-1908) e Abel Pavet de Courteille (1821-1889) os tomos I, II, III. Depois a tradução ficou sob a responsabilidade de

Em Al-Andaluz temos um exemplo de uma obra de estrutura genealógica mais elaborada: *A conquista da Andaluzia*, redigida pelo erudito andaluz Ibn Al-Kouthyia (m. 977). O historiador Al-Kouthyia nasceu em Sevilha e também viveu em Córdoba, onde aprendeu muitas de suas lições. Era tataraneto de Witiza (Ghaytacha) por meio da linhagem de Sara, a Goda, filha por sua vez de um dos herdeiros de Witiza, Alamundo. Dessa filiação deriva seu nome, Al-Kouthyia, que significa *o filho da Goda*. Em sua obra acerca da conquista de Al-Andaluz¹⁷, o historiador contempla tal acontecimento de forma breve para se deter, especificamente, na história de sua própria família, buscando assim uma espécie de legitimação para seus antepassados godos e islâmicos por meio da escrita *genealógica*. O referido historiador Al-Kouthyia se interessava muito pela literatura e história política andaluza. Com um estilo mais crítico e menos retórico, o historiador sevilhano tinha um apurado olhar questionador sobre os fatos históricos, detectando neles a variedade de possibilidades interpretativas. Também nos chama a atenção a produção do historiador Ibn Al-Rakik (m. 952), que escreveu uma *História de Ifrikya* e uma genealogia das tribos berberes no Norte de África.

Charles Barbier de Meunard (tomo IV ao IX). Publicação: MAÇOUDI. **Livre des prairies d'or et des mines de pierres précieuses (tomo I-IX)**. Paris: Société Asiatique, 1861-1877.

¹⁷ AL-KOUTHYIA, Ibn. **La conquête de L'Andalousie**. Tradução francesa de M. Cherbonneau. Paris: Journal Asiatique, 1853.

Além deles, citamos a produção no estilo cronístico do historiador persa Ibn Miskawayh (932-1030), neo-platonista, que foi influenciado pelos filósofos da *falsafa*, resultando em sua obra de história *Tajarib al-umam (Experiência dos Povos)*. Dentro desse estilo de narrativa estão os escritos do damasceno Al-Qalanisi (m. 1160): *Mudhayyal Ta'rikh Dimashq (Continuação das Crônicas de Damasco)*¹⁸. Inclusive, Al-Qalanisi continuou as crônicas iniciadas anteriormente pelo historiador Hilal Ibn Al-Muhassin Al-Sabi (969-1056). Outros historiadores que continuam com essa estrutura de crônicas são o historiador curdo Ibn Al-Athir (1160-1231), o qual conheceu Saladino e escreveu sua obra-prima, *Al-Kamil fi Tarikh (Uma História Completa)*, e Baha al-Din Ibn Shaddad (m. 1235), que escreveu uma narrativa sobre os feitos de Saladino intitulada *Al-Nawadir al-Sultaniyya wa'l-Mahasin al-Yusufiyya (Uma Preciosa e Excelente História sobre Saladino)*. Ao lado desses historiadores se apresentam os sírios Ibn Al-Adim (1192-1262), que escreveu uma *História de Alepo*, e Ibn Khallikan (1211-1282); este escreveu a seguinte obra: *Wafayat al-a'yan wa-anba abna az-zaman (Mortes dos homens eminentes e a História dos filhos de suas épocas)*, escrita entre 1256 e 1274¹⁹. Já a partir de Ibn Khaldun (1332-1406), com sua obra

¹⁸ ROBINSON, Chase F. **Islamic Historiography**. Londres: Cambridge University Press, 2003, p. 143.

¹⁹ ROBINSON, Chase F. **Islamic Historiography**. Londres: Cambridge University Press, 2003, p. xv.

Muqaddimah, a escrita da História se apresentou como de espírito crítico e com o retomar do pensamento clássico de busca pela verdade. Entretanto, em seu próprio tempo Ibn Khaldun não obteve muita recepção, mas Al-Maqrizi (1364-1442) foi um de seus discípulos e permitiu à historiografia islâmica um último suspiro ante a reviravolta teológica que viria a seguir.

Portanto, a escrita da História no Islã nos indicou que os estilos de narrativas desenvolvidas giravam em torno da biografia, da genealogia e principalmente do modelo cronístico, agregador das outras duas. Da época formativa para o período clássico esses gêneros se desenvolveram e se misturavam. Entretanto, Ibn Khaldun, no século XIV, chamaria a atenção para o método da busca pela verdade e a um não fazer cronístico simples por parte do historiador, se inspirando muito mais no pensamento clássico, dentro de uma época vivida por ele de desagregação da comunidade islâmica no Ocidente.

Referências bibliográficas:

AL-KALBI, Ibn. <http://www.answering-islam.org/Books/Al-Kalbi>
(Acesso em 22/07/2011).

AL-KOUTHYA, Ibn. **La conquête de L'Andalousie**. Tradução francesa de M. Cherbonneau. Paris: Journal Asiatique, 1853.

GILLIOT, Claude. Ibn Ishaq. In: MERI, Josef W. (Ed.). **Medieval Islamic Civilization – an Encyclopedia**. New York/London: Routledge, 2006, p. 357-358.

JAROUCHE, Mamede Mustafa. **Uma poética em ruínas. Livro das mil e uma noites**, vol. I: ramo sírio/Anônimo. Tradução do árabe para a língua portuguesa por Mamede Mustafa Jarouche. 3 ed. São Paulo: Globo, 2006.

JUDD, Steven C. Al-Tabari. In: MERI, Josef W. (Ed.). **Medieval Islamic Civilization – an Encyclopedia**. New York/London: Routledge, 2006, p. 791-792.

KHALDUN, Ibn. **Muqaddimah – Os Prolegômenos (tomo I, II, III)**. Tradução integral e direta da língua árabe para a portuguesa por José Khoury e Angelina Bierrenbach Khoury. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, 1958-1960.

MAÇOUDI. **Livre des prairies d'or et des mines de pierres précieuses (tomo I-IX)**. Paris: Société Asiatique, 1861-1877.

MELO CARRASCO, Diego. Una aproximación al mundo de Ibn Jaldún: Precursor medieval de la Historia de las civilizaciones. In: MARTOS QUESADA, Juan; GARROT GARROT, José Luis. **Miradas españolas sobre Ibn Jaldún**. Madrid: Ibersaf, 2008. p. 135-146.

ROBINSON, Chase F. **Islamic Historiography**. Londres: Cambridge University Press, 2003.

Recebido em 21/11/2014, aceito para publicação em 16/05/2016